

Maria Isaura

mestra, escritora e amiga

Eva Alterman Blay

Como citar: BLAY, E. A. Maria Isaura: mestra, escritora e amiga. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 5-10. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p5-10>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

MARIA ISAURA: MESTRA, ESCRITORA E AMIGA

*Eva Alterman Blay*¹

É um grande privilégio dar início a esta oportuna jornada dedicada à Professora, Socióloga, Escritora e Amiga, Maria Isaura Pereira de Queiroz. Não é comum uma mulher encabeçar uma Jornada. E creio, que esta, entre os sociólogos, deve ser a primeira do mundo. Esta escolha deve-se à enorme produção de Maria Isaura e é uma oportunidade para fazermos a retrospectiva da obra e da atuação de uma das mais importantes Sociólogas do cenário brasileiro e internacional.

O início da obra acadêmica de Maria Isaura ocorre em 1956, quando defende seu doutorado na Universidade de Paris com a tese *A Guerra Santa no Brasil: O Movimento Messiânico do Contestado*. Esta obra passou por uma banca examinadora que mostra os vínculos de Maria Isaura com seus primeiros mestres: Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss, Gabriel Le Bras.

Creio que aí tem início um dos temas em que subdivide sua obra, a questão da *Reforma e da Revolução*, analisada através de movimentos religiosos, do messianismo, do mandonismo na política. Maria Isaura teve a sensibilidade para entender os mecanismos que a sociedade brasileira pôs em prática para enfrentar as profundas contradições que a conformam; ela demonstra que é através das crenças messiânicas e da religiosidade que o povo vai enfrentar o poder. Não é por acaso que, ao desvendar uma das chaves para a compreensão da sociedade brasileira e latino-americana, este livro e os que abordam os movimentos messiânicos, os cangaceiros – bandidos de honra – ou o catolicismo são traduzidos para o francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e árabe. Maria Isaura inova na explicação sociológica da sociedade brasileira e ao iniciar esta trilha dá início a uma longa estrada cada dia mais atual. Só quem faz política todos os dias é que

¹Professora de Sociologia da Universidade de São Paulo e ex-Senadora da República.

pode avaliar a enorme descoberta e atualidade da questão religiosa para entender o Brasil e a América Latina.

Um segundo tema marca a obra de Maria Isaura: os *estudos rurais*, setor que ela praticamente inaugura no Departamento de Ciências Sociais da USP. O campesinato brasileiro vai ser estudado pelo que chamou de grupos rústicos, definição que se impregnou na Sociologia Rural. Revendo o que foi feito por Maria Isaura e pelos grupos de estudos que ela permanentemente tem organizado, observamos um conjunto de inovações temáticas e metodológicas. Desde os anos 60, Maria Isaura estabeleceu convênios com entidades públicas de apoio às regiões rurais e, com isso, seus alunos de graduação e pós-graduação foram conduzidos ao sertão de Itapeçerica, Jucituba, Paraibuna. Foram para o Vale do Ribeira estudar as populações ribeirinhas, os sitiantes, as escolas rurais. Em seguida, sempre permitindo aos alunos condições para fazer pesquisa de campo, foram conduzidos para a zona de bananicultores de Itanhaém e Peruíbe. Através de outro convênio, foram estudar a organização do trabalho e a produtividade dos rizicultores no Vale do Paraíba; nesta região avaliaram os efeitos do poder e estudaram a mentalidade dos empréstimos agrícolas; analisaram os japoneses e os nisseis na produção do chá. Com se vê, temas como *mentalidade, relações de trabalho* são já objeto de estudo para os pesquisadores-alunos orientados pela Professora Maria Isaura, desde a década de 1960.

Esses projetos foram tão bem-sucedidos que outros convênios foram firmados e estudos realizados na Zona do Cacau e na área de exploração do petróleo na Bahia.

A realização destas pesquisas e os convênios se fizeram através do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), criado em 1964. A fundação do CERU merece um capítulo pelo que representou de apoio ao Departamento de Ciências Sociais da USP. Veio trazer recursos inteiramente destinados à pesquisa, *fundamental* aos alunos. Sempre foi norma inquestionável que o Centro de Estudos Rurais e Urbanos deveria construir um acervo documental, uma biblioteca especializada, apoiar as teses que iam sendo realizadas, organizar pesquisas em nível de graduação e pós e reunir os pesquisadores para debater seus trabalhos acadêmicos. Tornou-se um órgão de importância crescente nacional, com

pesquisadores do Brasil todo e, em seguida, internacional, como *locus* de visitantes e pelo intercâmbio com vários países, sendo hoje vinculado ao Departamento de Sociologia. Sua inspiradora, a Professora Maria Isaura, garantiu a existência do CERU implantando um espírito de receptividade para todos os talentos que a ele se quisessem integrar.

As linhas de pesquisa não eram definidas *a priori*, ao contrário, se delineavam em função dos interesses manifestados pelos pesquisadores que sempre encontravam, e continuam encontrando, na Professora Maria Isaura a maior receptividade. Não é por acaso que por suas mãos passaram pesquisas sempre inovadoras; e se forjaram pesquisadores que continuaram, pela vida afora, nesta carreira.

Um terceiro tema, suficientemente abrangente para reunir a diversidade de campos que encontram abrigo na curiosidade intelectual de Maria Isaura, se constitui nas pesquisa sobre a *Cultura Brasileira*. A gênese desta temática vinha embutida nos temas mencionados, e assume destaque com os trabalhos de seus orientandos dos últimos anos: histórias de vida, relações de gênero, integração de judeus na sociedade brasileira e, também, da própria Maria Isaura, como as análises da produção acadêmica da universidade e, sobretudo, o Carnaval. Este tem sido sua paixão nos últimos anos. Escolas de samba, a penetração do carnaval na vida brasileira, a origem histórica desta festa, a política do carnaval são temas das exposições que Maria Isaura tem feito, e como sempre inoculado em seus mestrandos e doutorandos. Ao se interessar por um tema, ela abre espaços para diálogo com outros pesquisadores. Assim foi criado o Núcleo de Estudos sobre a Cultura na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

Sua casa tem sido a Universidade de São Paulo, mas nós temos partilhado Maria Isaura com a Universidade de Paris, de Laval, no Canadá, Université des Mutants, no Senegal, Université de Louvain-La-Neuve, na Bélgica. Entretanto, lendo seu *curriculum* vemos que orgulhosamente ela sempre começa afirmando que foi concursada como Professora de Sociologia da Educação do Instituto de Educação de Matão, no Estado de São Paulo.

Atuante na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), tem apresentado trabalhos e organizado simpósios permanentemente. Mas reservou para a condição de editora da Revista *Ciência e Cultura* um dos espaços onde deixou a marca de sua posição não apenas sobre política-científica mas sobre a política nacional, refletindo uma postura socialista. Absolutamente discreta, aos poucos vamos descobrindo sua atuação na resistência nos anos da recente ditadura no Brasil, quando vários de seus orientandos, amigos ou amigos de seus amigos foram presos e perseguidos e ela estava sempre disponível, dia e noite, para enfrentar a repressão.

A obra da Professora Maria Isaura tem a marca da escritora. Suas primeiras publicações apareceram em *O tico-tico*, quando ela tinha 8 anos de idade. Escreve desde então ininterruptamente. Passou para os contos juvenis e para os escritos acadêmicos. Suas cartas são deliciosas formas de diálogo acadêmico e de amizade. Mas não se iludam. Por mais amiga que seja não deixará de fazer uma dura crítica sempre que necessário. Porém, é democrática o suficiente para saber aceitar resistências. Aceita e respeita. É por isso uma orientadora magistral.

A propósito desta oração, conversamos e lhe revelei que não fui sua aluna. Mero acaso da programação do curso de Ciências Sociais.

Embora não tenha sido sua aluna, sempre a tive por mestra. Nunca, Maria Isaura, nos últimos 30 anos, se recusou a ler um artigo, um capítulo ou uma tese minha. Guardo todos os textos em que ela, com sua letra, fazia as observações críticas necessárias. Mestra por natureza exige clareza na escrita, rigor nos conceitos, comprovação de hipóteses. Quem, de seus orientandos, não recebeu observações à margem dos trabalhos apontando períodos “obscuros”, “falta de clareza”, ou indicando necessidade de mais leituras? Trabalhadora incansável tempera cada vez mais o trabalho com bom humor. Seus alunos e numerosos orientandos, que defenderam mestrado e doutorado, esparramam-se pelo Brasil todo. Ela sabe onde está cada um deles. Suas vidas se interpenetram. Adotando uma perspectiva de trabalho interdisciplinar trouxe, para nosso convívio, colegas de inúmeros outros departamentos e institutos da USP, de outras Faculdades e, por ocasião dos Encontros Anuais do CERU, pessoas do Brasil todo.

Fundou uma revista – *Cadernos* – do CERU, há 20 anos, quando editar era uma intransponível aventura. Ao lado da revista, para superar a ganância e a censura editorial, criou a coleção *Textos* para publicar importantes teses e resultados de pesquisa básica.

A dedicação aos alunos só é comparável ao reconhecimento que expressa a seus mestres e amigos intelectuais. Todo um segmento de sua obra se volta a escritos sobre Roger Bastide, Georges Gurvitch, Thales de Azevedo, Arbusse-Bastide, Maurice Leenhardt, Pierre Mombeig, Charles Morazé e Eurípedes Simões de Paula.

Maria Isaura nunca buscou nem permitiu ser alvo dos meios de comunicação. Nunca deu uma entrevista. Não aceita ocupar um espaço que não seja o intelectual. É avessa à propaganda mas não censura e até elogia os que a usam. Só a vi escrever para jornais por duas vezes. Uma para defender sua tia, já falecida, a Deputada Constituinte Carlota Pereira de Queiroz, vítima de injusto artigo publicado num determinado jornal. A segunda vez, quando escreveu exigindo ser incluída junto a colegas que injustamente eram arrolados como improdutivos. Solidariedade.

Por que uma Jornada Maria Isaura Pereira de Queiroz? Neste momento em que a condição de professor tem sido tão desqualificada, fazê-la através de Maria Isaura é a forma de resgatar a função básica do Professor que nenhuma sociedade pode prescindir. Maria Isaura é uma Professora na verdadeira acepção desta palavra. Disponível e rigorosa, aberta às inovações e ligada às raízes, dedicada aos alunos e reconhecida pelos mestres, solidária aos companheiros e feroz com os injustos, Maria Isaura é de fato uma professora, pesquisadora, acadêmica, mulher e amiga, que através desta jornada será melhor conhecida pelas novas gerações.